

Activistas formados em Sofala no uso de preservativo feminino

Treze activistas representando diversas associações ligadas a programas de combate e prevenção do HIV/Sida em Sofala foram capacitados esta semana em matérias de uso de preservativo feminino. A formação, de dois dias, foi promovida pelo Núcleo Provincial de Combate ao Sida em Sofala (NPCSS), em parceria com a Direcção Provincial de Saúde.

Joyce Subila Maurício, facilitadora do curso, disse que o objectivo principal era o de capacitar os activistas em técnicas de uso de preservativo feminino, de modo a que tenham capacidade de incentivar o seu uso junto das comunidades rurais.

"Nos distritos de Sofala poucas mulheres usam o preservativo feminino, por desconhecerem as técnicas da sua aplicação. Pretendemos expandir estas técnicas para que as mulheres tenham o direito de decisão nas relações sexuais", explicou.

A facilitadora disse ainda que as mulheres nas zonas rurais, sobretudo, são submissas aos homens no

momento da decisão de uso ou não de preservativo, por desconhecerem a existência do preservativo feminino ou as técnicas da sua aplicação (que pode ser feita bem antes do acto).

"Queremos que esta situação termine com a introdução do preservativo feminino. De tanto ser

sensível, a mulher pode aplicá-lo sem que o seu parceiro se aperceba. Se as mulheres aceitarem a aplicação deste preservativo, acreditamos que o índice de infecção com o vírus na nossa província poderá reduzir significativamente", referiu Joyce Maurício.

Violência doméstica no país

Apenas dez por cento das vítimas apresentam casos às autoridades

Apenas dez por cento das vítimas de violência doméstica no país levam os casos às autoridades competentes, situação que dificulta as acções visando estancar o problema, que assume proporções alarmantes, segundo a assessora do ministro moçambicano da Saúde para a área do género, Fracelina Romão.

A fonte, que falava à margem de um seminário sobre



Apesar das facilidades criadas no país, poucas mulheres denunciam os casos de violência doméstica de que são vítimas

atendimento integrado às vítimas de violência, referiu que estudos recentes indicam que cerca de 54 por cento das mulheres moçambicanas já sofreram ou sofrem de qualquer forma de violência, o que quer dizer que ainda é preciso que se trabalhe mais de modo a minorar esta situação.

Fracelina Romão referiu que a maior parte das vítimas de violência doméstica recorre, em primeiro lugar, aos hospitais ou postos de saúde para receber o devido tratamento, mas não chega a levar os casos à polícia ou aos gabinetes de atendimento à mulher e criança vítima de violência doméstica.

Referiu que, para inverter esta situação, é preciso que se criem condições de forma a que se possa oferecer um atendimento integrado às vítimas, não só em termos de cuidados que curem as feridas físicas mas também os traumas psicológicos e os aspectos legais.

"Para tal, é preciso que os trabalhadores do sector da Saúde sejam capacitados em técnicas que os permitam oferecer o melhor tratamento, físico e psicológico, e saibam incentivar as vítimas a levarem os casos aos órgãos de justiça", referiu a assessora de Ivo Garrido, acrescentando que é preciso que todos os sectores e instituições envolvidos nesta questão "trabalhem em coordenação".

Referiu que as pessoas violentadas sofrem de várias consequências, algumas das quais podem ser fatais.

O encontro sobre atendimento integrado às vítimas de violência é promovido pelo Ministério da Saúde e enquadra-se nas celebrações do dia das vítimas de violência doméstica, que se assinalou ontem em todo o mundo.

O evento tem a duração de três dias e reúne profissionais da saúde de todas as províncias do país ligados à medicina legal, cirurgia, enfermagem, medicina geral e outros.

Falando a jornalistas, o director nacional de Saúde Pública, Mouzinho Saide, salientou que, para sanar este problema, as unidades sanitárias nacionais vão ser melhoradas em meios para atender as vítimas da violência doméstica.

"Este encontro é para dar bases aos profissionais de modo a saberem identificar casos de violência, saberem reportar e indicar outros serviços para os quais as vítimas devem encaminhar as questões", referiu.

Mais de seis mil mulheres violentadas este ano

Um total de 6.258 mulheres foram vítimas de violência doméstica no país, ao longo deste ano, segundo deu a conhecer Lurdes Mabunda, do Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítimas de Violência Doméstica no Ministério do Interior.

De acordo com a fonte, mesmo sem ter avançado dados numéricos, "verifica-se um aumento de casos de violência da mulher no país".

Ela avançou estes dados ontem, em Maputo, no lançamento dos 16 dias de activismo contra a violência

da mulher, que decorrerão sob o lema "comprometa-se, actue e exija: podemos acabar com a violência contra a mulher".

Já segundo Elisa Mutisse, coordenadora do programa de prevenção e combate à violência e ao HIV/SIDA, durante estes dias serão levadas a cabo diversas actividades que visam sensibilizar as pessoas no sentido de denunciarem as práticas que violentam a mulher, tendo em conta que os casos tendem a elevar-se.

Ela disse que uma das acções agendadas é o lançamento de um cartão de bolso, que contém os números grátis para a denúncia de actos de violência às entidades competentes, e de uma brochura da versão resumida do Plano Nacional para a Prevenção e Combate à Violência Doméstica.

Ainda durante os 16 dias de activismo serão feitas reflexões sobre as estratégias de divulgação da nova lei contra a violência doméstica.